

AJ08005

PREDOMINANTE 65% DOS PAIS E RESPONSÁVEIS CONSIDERAM QUE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA É FUNDAMENTAL PARA UMA BOA EDUCAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES

Escola é local sem segurança para alunos e professores, diz pesquisa

Ibope mostra que 60% das pessoas entrevistadas não consideram escolas bem protegidas

ELISANGELA BELLO
ebello@redgazeta.com.br

A escola não é um ambiente seguro para crianças e adolescentes. Essa é a opinião de mais de 60% das pessoas consultadas por telefone, numa pesquisa realizada pelo Ibope, no mês passado, em todo o Brasil.

A opinião ganha um peso ainda maior quando analisada junto com o objetivo principal da pesquisa, que foi saber o que pais e responsáveis consideram importante para uma boa educação. O fator "segurança" vem em segundo lugar, atingindo 23% dos consultados, só perdendo para a participação dos pais.

Saber da venda de drogas no ambiente escolar, de agressões entre alunos e até de porte de arma de fogo entre estudantes foi o que fez com que pais e responsáveis chegassem à conclusão de que a violência está também dentro das escolas.

Ao mesmo tempo que se

ressentem do fato de terem seus filhos num ambiente inseguro, eles admitem que a maior colaboração para que eles tenham uma boa educação depende da família: 65% considera que a participação de pais é fundamental.

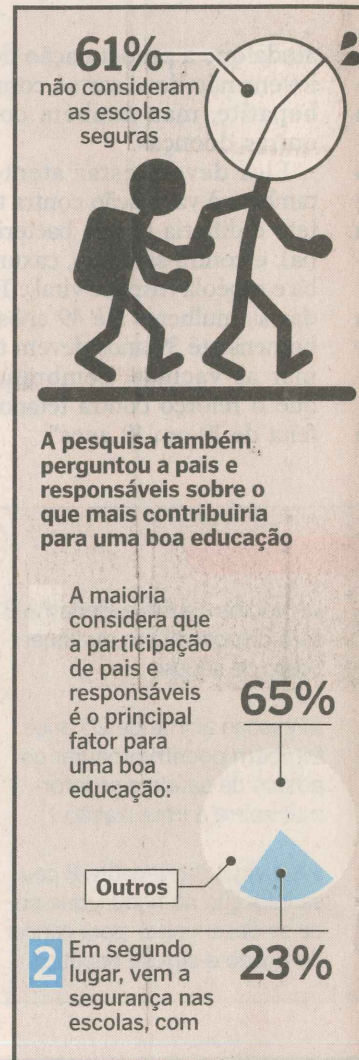
Na hora de participar, porém, muitos ficam de fora de atividades como ir às reuniões nas escolas (27%) ou ajudar na lição de casa (34%).

A pesquisa foi encomendada pela agência especializada em Comunicação de Interesse Público Nova S/B, e, atingiu 1.400 pessoas com mais de 16 anos relacionadas a crianças e adolescentes em idade escolar, matriculadas na rede pública e particular.

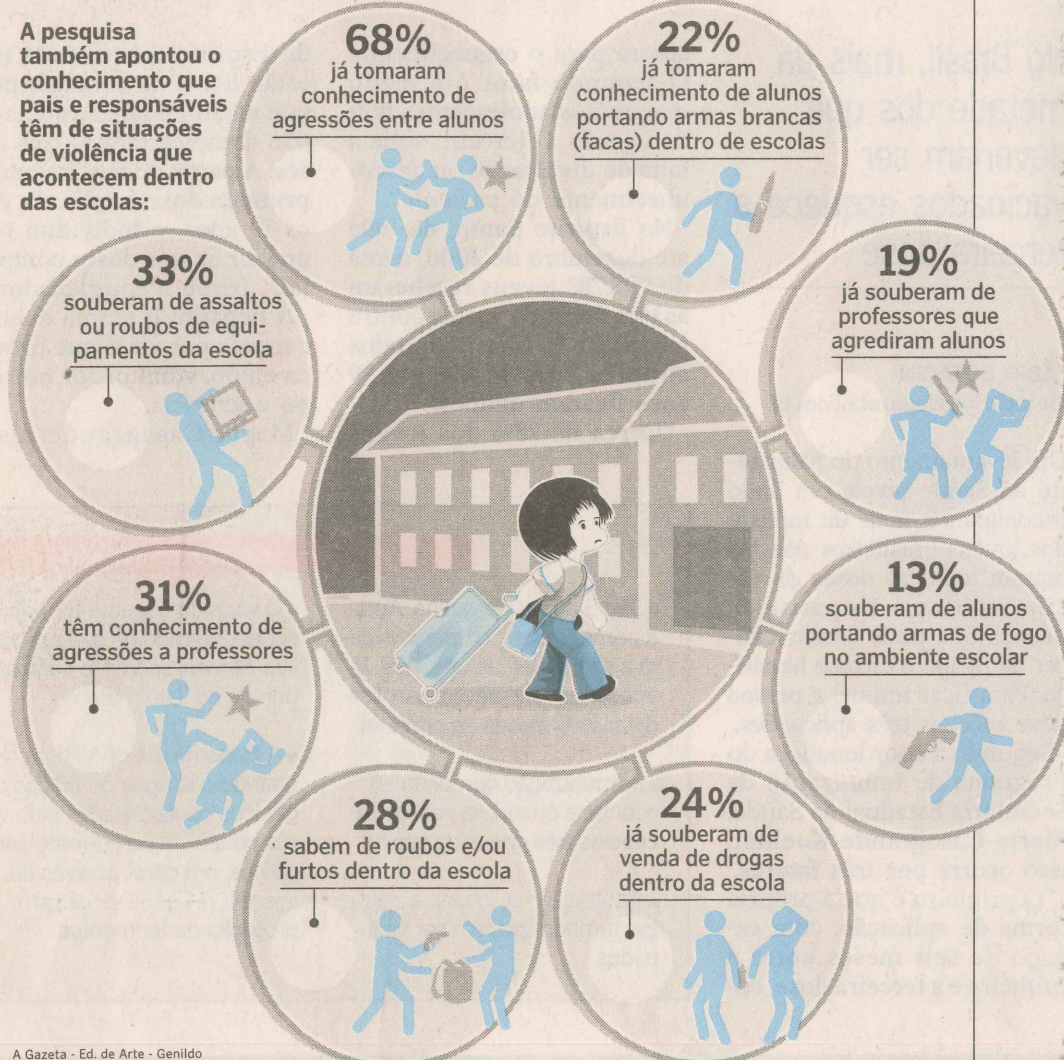
“**A violência dentro das escolas assusta. Desrespeito, palavrões e até agressões são frequentes**”

RITA DE CÁSSIA RODRIGUES
Coordenadora escolar há 24 anos

O que pais e responsáveis que têm filhos em idade escolar acham do ambiente na escola:



A pesquisa também apontou o conhecimento que pais e responsáveis têm de situações de violência que acontecem dentro das escolas:



A Gazeta - Ed. de Arte - Genildo

Fonte: Ibope Opinião, sob encomenda da agência especializada em Comunicação de Interesse Público Nova S/B

Redes municipais e estaduais trabalham sem orientação técnica

Constatação do Sindiupes é que falta profissionais em áreas como a psicologia

Falta apoio técnico, psicólogos e orientadores para ajudar alunos e professores a lidarem com situações de violência, segundo diretores do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Espírito Santo (Sindiupes).

A reclamação se refere à realidade de escolas municipais e estaduais. "O professor se sente impotente nessas situações. Tem que ter alguém para orientar", afirma a diretora Laurecena Botechia, que atua nas áreas de Viana, Cariacica e Guarapari.

Na rede estadual, esse apoio técnico praticamente não existe, segundo o sindicato. "As escolas do Estado não têm nenhum apoio técnico nessa área. Psicólogos, nem orientadores", afirma,

que considera iniciativas como o Escola Aberta tímidas, diante do problema. "Tem sua importância, mas só isso não resolve".

O estresse a que o professor é submetido também contribui para um ambiente carregado de tensão, para o sindicato. "Ele corre de uma escola para outra, e quando chega já encontra também os alunos agitados".

CONTRA A CRIATIVIDADE. Para

driblar a violência entre alunos, o professor também enfrenta a rigidez da grade curricular. Segundo o sindicato, a imagem de uma escola moderna que se quer transmitir não acontece no dia-a-dia. "A escola moderna, que permite intervenções do professor só existe na mídia e para a administração, não na realidade. Quando tenta fazer algo diferente, o professor esbarra na carga horária, na obrigação de cumprir a grade".

Toques de recolher em colégios viram rotina

Além de agressões e da tensão interna causadas por situações de violência que ultrapassam os muros da escola, professores e alunos ainda têm que lidar com a insegurança que invadem o cotidiano escolar. O Sindiupes lembra que no mês passado, só no município de Viana, dois colégios tiveram que fechar suas portas em função de toques de recolher impostos por bandidos. "Tivemos a invasão do Caic e duas escolas ficaram três dias da semana fechadas, por ordem dos traficantes", afirma a diretora Dorzília Vaz. Nessas situações que têm se repetido em outros municípios da Grande Vitória, o professor fica sem saber o que fazer. "Quando ele fica sabendo, os alunos todos já sabem. Em Viana tivemos que fechar as portas e ir até a Sedu, para pedir mais segurança", diz.

“
O professor é visto como um obstáculo pelos alunos. Somos ameaçados, e boa parte deles está envolvida com o crime. Não há como reagir”

RENATA QUINTANILHA ORNELAS
Professora de Química

“
Tinha que ter mais segurança na escola. As grades são frágeis e velhas, estão caindo. Também tinha que ter uma revista nos alunos. Entra gente de fora com cigarro, drogas”

MAGNO MARINHO
Estudante, 16 anos

“
Minha mãe está com medo que eu venha para a escola. Ela quer até me transferir. Enquanto o segurança está na entrada principal, tem gente pulando o muro de trás”

CAMILA LOBO
Estudante

Municípios não vão resolver nada sem ajuda Secretaria vê diminuição nas ocorrências

Opinião é da presidenta regional da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, Célia Vilela

Dados da Sedu apontam queda de 83,8% nos registros de violência em escolas desde 2003

“A escola é parte da sociedade, e por isso reflete as situações de violência que estamos vivendo”. A afirmação é da presidenta regional da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, Célia Vilela, que considera que sozinhos, os municípios também não podem resolver o problema.

Ela admite, no entanto, que os municípios precisam melhorar o apoio técnico oferecido a professores e alunos, para lidarem com situações de violência. “Sabemos que que há alunos que buscam tudo na escola, não podem contar com a família”, afirmou.

Em situações extremas, as escolas pedem ajuda aos conselhos tutelares, que nem sempre estão prontos para atender. “Em alguns municípios já há uma conversa nesse sentido. Para que governo faça a sua parte, município e a escola”.

A Secretaria Estadual de Educação (Sedu) afirma que ao contrário do que reclamam os alunos e aponta a pesquisa, as ocorrências de violência nas escolas vêm caindo desde 2003.

Os dados fornecidos pela secretaria apontam que de 2003 até os primeiros cinco meses de 2007, houve queda de 83,8% nos registros desses casos.

Como forma de prevenir a violência no ambiente escolar, a Sedu alega que aumentou o número de escolas que contam com vigilância (de 112 para 352), e que tem uma parceria com a Polícia Militar, com a aplicação do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd).

O programa Escola Aberta, do governo federal, que prevê a abertura das escolas nos fins de semana, também foi ampliado no Estado, segundo a Sedu, de 15 para 47 escolas.

ANÁLISE
Luana Merigete Santos

Desigualdade na escola

A violência nas escolas é uma questão estrutural, reflexo da diferenciação entre classes, raças e gêneros que acontece na sociedade. O próprio envolvimento dos jovens com a violência é consequência das desigualdades sociais e da falta de políticas públicas capazes de envolver o jovem, de oferecer o que ele realmente deseja. Todas as políticas da área são desenvolvidas com um olhar externo à juventude. Mesmo sem saber o que os jovens querem, tentamos ocupar todo o seu tempo livre, para tentar tirá-los das ruas. Ao invés disso, é preciso estruturar esses espaços para que eles também sejam um ponto de construção da cidadania. Sem tempo para descobrir do que gostam e sem oportunidades para crescer, é natural que os jovens busquem caminhos alternativos na violência e no tráfico, e isso vai se refletir nas escolas.

Luana Merigete Santos é cientista social e mestranda em educação

No intervalo, mochilas não ficam na sala



SEM SAÍDA. Mesmo rodeados de grades, os alunos da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Assisolina Assis Andrade, em Aribiri, Vila Velha, não se sentem seguros dentro das salas de aula. “Na hora do recreio, temos que carregar as mochilas e trancar as portas das salas. Não dá para confiar nem nos colegas”, lamenta a estudante Amanda do Nascimento. Seus colegas reclamam da falta de iluminação e de segurança no pátio e nos arredores da escola. Enquanto os alunos ficam trancados no prédio, grupos de fora se reúnem na quadra da escola intimidando estudantes, professores e funcionários. FOTO: CHICO GUEDES